



CF (FN) Alexander de Oliveira Pereira
alexander.pereira@marinha.mil.br

CC (FN) Luiz Fernando Da Mata Fabricio
da.mata@marinha.mil.br

Os 30 anos do acordo de cooperação naval entre o Brasil e a Namíbia



O **CF (FN) ALEXANDER** é atualmente o Chefe do Grupo de Assessoramento Técnico de Fuzileiros Navais na Namíbia. É oriundo do Colégio Naval, realizou os cursos de carreira, sendo digno de destaque, o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS) da EGN, em 2018. Serviu no 3ºBtlInfFuzNav, como Comandante de Companhia e Pelotão e Oficial de Estado-Maior, e no 2ºBtlInfFuzNav, como Oficial de Estado-Maior. Foi instrutor do Navio-Escola “Brasil” (2016) e do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do CFN (2017). Participou da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti nos 1º (2004), 13º (2010) e 21º (2015) Contingentes, como Comandante de Pelotão, Imediato e Comandante do Componente de Combate Terrestre, respectivamente.



O **CC (FN) DA MATA** serve atualmente na Escola Naval, como coordenador e instrutor. É oriundo da Escola Naval, realizou o Curso de Aperfeiçoamento para Oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais (CAOCFN) em 2018 e o Curso de Estado-Maior para Oficiais Intermediários (C-EMOI) em 2020. Serviu no 1ºBtlInfFuzNav, como Comandante da Companhia de Apoio de Fogo, de Pelotão de Fuzileiros Navais e do Pelotão de Morteiro 81 mm e no 2ºBtlInfFuzNav, como Comandante de Companhia e Oficial de Operações. Participou da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti no 23º Contingente como Oficial de Assuntos Cívicos e integrou o Grupo de Assessoramento Técnico de Fuzileiros Navais na Marinha em 2023.

Resumo

O presente artigo analisa as relações entre Brasil e Namíbia no âmbito Naval em meio ao contexto de manutenção do Atlântico Sul como uma zona de paz e de cooperação regional; evidencia os fatores cruciais que levaram à elaboração e à concretização desta estratégia; tem por objetivo principal mostrar a importância do trabalho realizado pelo Grupo de Assessoramento Técnico de Fuzileiros Navais na Namíbia (GAT-FN NAM) ao longo de sua existência para a integração entre os dois países no escopo do Acordo de Cooperação Naval vigente, que no corrente ano completa 30 anos. Para este trabalho foram observadas obras específicas sobre a região da Namíbia bem como estudos sobre a África em geral, tanto pela perspectiva brasileira quanto pela perspectiva africana; além da constatação da contribuição histórica do GAT-FN NAM ao CFN namibiano, a composição deste grupo, que já foi de apoio e hoje é de assessoria, suas tarefas e desafios que variaram ao longo do tempo conforme necessidade. Como conclusão contundente, extrai-se que a demanda por conhecimento militar técnico-profissional relacionado a adestramentos tende a aumentar nos anos vindouros para os próximos integrantes do GAT-FN NAM devido ao con-

Abstract

This article analyses the relations between Brazil and Namibia in the Naval sphere considering the context of maintaining the South Atlantic as a zone of regional peace and cooperation; highlights the crucial factors that led to the development and implementation of this strategy; and as main objective, it shows the importance of the work carried out by the Brazilian Marines Advisory Technical Team (BRAZMATT) throughout its existence for the integration between the two countries within the scope of the current Naval Cooperation Agreement, which completes 30 years this year. For this article, specific studies on the Namibia region were observed, as well as studies about Africa in general, both from the Brazilian and African perspectives; in addition to the historical contribution of the BRAZMATT to the Namibian Marines Corp, the composition of this team, which was once a support group and is now an advisory group, and its tasks and challenges that have varied over time according to the need. As a deepest conclusion, it is extracted that the demand for technical-professional military knowledge related to training tends to increase in the upcoming years for the new members of the BRAZMATT

texto geopolítico difuso e indefinido em que mergulha o continente africano, exigindo deles uma *expertise* cada vez mais completa, aprimorada e diversificada.

Palavras-chave: acordo de cooperação naval; GAT-FN NAM; CFN namibiano; Brasil-Namíbia; Atlântico Sul; Namíbia; 30 anos de acordo.

due to the diffuse and undefined geopolitical context in which the African continent is plunged, requiring from them an increasingly complete, improved and diversified expertise.

Keywords: naval cooperation agreement, 30 years of agreement, South Atlantic; Namibia; Namibian Marine Corps.

Introdução

O Acordo de Cooperação Naval entre o Brasil e a Namíbia (ACNBN), vigente desde 1994, tem se apresentado como relevante instrumento para a manutenção da segurança do Atlântico Sul, fortalecendo a participação desta marinha amiga na Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS), além de contribuir sobremaneira para o apoio à política externa brasileira em atuação no nosso Entorno Estratégico.

conferiu ao Brasil uma possibilidade concreta de conquistar a almejada segurança regional necessária, após o descobrimento de recursos energéticos em suas águas jurisdicionais. Para a Namíbia, em seus primeiros anos de independência, representou um avanço na área de defesa, contribuindo para a consolidação de uma visão estratégica de defesa, principalmente no que diz respeito a sua Ala Naval e posteriormente sua Marinha (Rizzi; Cossul; Bueno, 2023).

Figura 1: Instrutor brasileiro e militares namibianos durante instrução de patrulha



Fonte: Arquivo GAT-FN (2022).

Sendo assim, o presente artigo visa apresentar um breve histórico da cooperação entre os dois países, abrangendo ainda as ações do Grupo de Assessoramento Técnico de Fuzileiros Navais (GAT-FN) em apoio ao CFN namibiano.

Histórico

O estabelecimento da relação entre os dois países representou um passo marcante de um longo período de influência positiva brasileira para a transformação do Atlântico Sul em uma área de cooperação regional. Num momento em que o crescimento de organizações em blocos econômicos pautava a estratégia geopolítica mundial, evidenciou uma nova ordem multipolar econômica latente no período pós Guerra Fria. Além disso,

Os primeiros passos formais que refletiram a interação entre o Brasil e a Namíbia foram dados por meio da assinatura do Acordo de Cooperação Naval em 1994 e do Acordo Básico de Cooperação Técnica, em 1995. Posteriormente, em 3 de dezembro de 2001 foi assinado o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Namíbia sobre Cooperação Naval, designando a Marinha do Brasil como Órgão Executor para assistir na organização, no âmbito da Ala Naval do Governo da República da Namíbia, de um Serviço de Patrulha Marítima, para proteger os interesses nacionais da República da Namíbia em suas águas internas, mar territorial e zona econômica exclusiva, especialmente no que se refere à proteção dos recursos vivos e minerais da plataforma continental. Adicionalmente, estabelece à Marinha do Brasil fornecer embarcações capazes de satisfazer às necessidades da Ala Naval daquele Governo e assistir no planejamento e desenvolvimento de uma infraestrutura apropriada à atracação e ao suporte logístico para as embarcações fornecidas. Neste acordo, também é designada a Missão Naval Brasileira, que deu status de Adido ao mais antigo da equipe sediada em Windhoek, capital da Namíbia, e formada por oficiais e praças que

passariam a fiscalizar e aprimorar os termos deste Acordo (Brasil, 2003).

Cabe ressaltar que o Acordo de 2001 fundamentou a base para o surgimento do Grupo de Assessoramento Técnico de Fuzileiros Navais (GAT-FN) e da Missão de Assessoramento Naval (MAN), além de outras ações que variam do aperfeiçoamento na área técnico-militar até o apoio à indústria de defesa, sendo dignos de menção alguns fatos que marcaram sua contribuição inequívoca para o avanço das relações entre Brasil e Namíbia¹:

- a. Em 1994, os primeiros militares namibianos ingressaram nos centros de instrução da Marinha do Brasil para receberem instruções em português;
- b. Em 1997, a Marinha brasileira enviou uma delegação que incluía representantes da EMGEPRON para analisar o levantamento hidrográfico e avaliar como se daria o desenvolvimento da infraestrutura de apoio logístico; esta etapa se consolidou entre os anos de 2001 e 2015 por meio de contrato entre a EMGEPRON e o governo da Namíbia para a execução do Levantamento da Plataforma Continental;
- c. Em 2006, houve a Incorporação do Grupo de Apoio Técnico, cujo objetivo foi prestar assistência à criação do Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais;
- d. Em 2009, houve a submissão do leito da Namíbia à Comissão de Limites das Plataformas Continentais;
- e. Em 2010, ocorreu a ativação do Grupo de Apoio Técnico de Fuzileiros Navais, chefiado por um Capitão de Mar e Guerra;
- f. Em 2013, foi realizado o primeiro curso de Especialização em Infantaria para formação

de cabos e o primeiro adestramento básico de operações especiais;

- g. Em 2014, a empresa brasileira Agrale vendeu 141 unidades da viatura Marruá para a Namíbia;
- h. Também em 2014, um acordo de cooperação foi assinado entre o Exército Brasileiro e o Exército da Namíbia. Foi criada a Escola de Português na Base de Osona – Okahandja, com 19 alunos, sendo 5 para a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN); e
- i. Em 2016, o Corpo de Fuzileiros Navais da Namíbia foi oficialmente ativado.

Figura 2: Descerramento da placa comemorativa do levantamento hidrográfico do porto de Walvis Bay em 1997



Fonte: Arquivo GAT-FN (1997).

Uma importante constatação ocorreu por meio da análise desses dados relacionados é que a cooperação entre o Brasil e a Namíbia avançou, a passos largos, muito por conta do aproveitamento da estabilidade política namibiana a despeito dos mais variados problemas enfrentados por esta nação em seus primeiros vinte anos de independência.

Em relação ao Brasil, alguns acontecimentos, como a crise econômica mundial (centrada nos Estados Unidos) em 2008 e a pandemia de COVID-19 nos anos de 2020 e 2021, não foram suficientes para colapsar ou mesmo abalar sua política externa em relação ao Atlântico Sul, consolidando a ideia de valorização da região em

¹Extrato do quadro 1 apresentado no artigo “Cooperação técnico-militar do Brasil com a Namíbia: aspectos de uma parceria estratégica”.

uma política de Estado permanente e presente em sua Estratégia Nacional de Defesa (END).

Esta continuidade reflete a importância dada pelos dois países para a parceria firmada e, sem mais acontecimentos futuros que exponham as duas nações a graves novos problemas, corrobora para a intenção em dar continuidade ao acordo que, frente aos vindouros desafios, tende a se consolidar ainda mais nos próximos anos.

Contribuição do GAT-FN

Em meio a todo o contexto descrito de interação entre Brasil e Namíbia, o Grupo de Assessoramento Técnico de Fuzileiros Navais (GAT-FN) exerceu, e ainda exerce, seu papel em meio a toda esta conjuntura desde 2009. Nos primeiros anos, o GAT-FN era composto por 5 oficiais e 17 praças subdivididos em assessorias (pessoal e banda de música, operações, logística e curso de formação de soldados), os quais tinham as tarefas de prestar assessoria quanto à estruturação do Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais da Namíbia (BtlInfFuzNavNam), ao Curso de Formação de Soldados Fuzileiros Navais (C-FSD-FN) e à Formação da Banda de Música e Cerimonial da Marinha da Namíbia.

Figura 3: Primeira turma de soldados namibianos formados pelo GAT-FN



Fonte: Arquivo GAT-FN (2009).

Sendo assim, o esforço despendido pelo GAT-FN, para a formação de soldados e a especialização em Infantaria para cabos, foi essencial para o desenvolvimento do CFN namibiano, uma vez que contava com o *know-how* adquirido ao longo das carreiras de seus integrantes. Já na área administrativa, o desafio era a construção e condução de um Plano de Estruturação Administrativa (PEAdm), cujo objetivo era tornar o BtlInfFuzNavNam autossuficiente na execução de seus respectivos processos, por meio do mapeamento de cada se-

Figura 4: Cerimônia de ativação do CFN namibiano



Fonte: Arquivo GAT-FN (2016).

tor, bem como, da aprovação de vários requisitos de estruturação².

É importante ressaltar que já havia em 2010 um planejamento da evolução do Corpo de

Fuzileiros Navais da Namíbia a cada 5 anos até 2030. Naquele momento, mostrar a capacidade de formação de suas tropas de forma regular e convencional, de acordo com o mundo ocidental, era a maneira pela qual já se buscava ter “um Batalhão pronto, com seus apoios; com uma força que cresça e realize seu trabalho de força expedicionária, com autonomia para atuar onde se fizer necessária e que cumpra as mais diversas missões”, segundo palavras do Comandante-Geral dos Fuzileiros Navais namibianos à época³.

Conforme os anos se passaram, as tarefas do GAT-FN foram sofrendo alterações significativas, bem como sua composição, de forma a se adaptar às necessidades correntes do CFN namibiano. Hoje, em 2024, o GAT-FN é composto por três oficiais, sendo um Capitão de Fragata (FN), um Capitão de Fragata (T) e um Capitão-Tenente (FN), e sete Praças Fuzileiros Navais, sendo seis militares da especialização de Infantaria e um militar com o curso de Operações Especiais, subdivididos em um Grupo de Apoio, uma Equipe de Apoio à *Naval Training School* (NTS) e uma Equipe de Apoio ao BtlInfFuzNavNam. Sua tarefa precípua é o constante assessoramento, tanto ao Comando Geral do CFN namibiano situado na Base Naval de Walvis Bay, quanto ao BtlInfFuzNavNam e à NTS em Rooikop (complexo situado a cerca de 20 km do centro da cidade de Walvis Bay), quer seja na administração cotidiana, quer seja na aplicação e supervisão dos adestramentos no dia a dia do Batalhão e da Escola de Formação.

²Conforme exposto pelo CC (FN) Alexandre Soares de Araujo em seu artigo na Revista *Âncoras e Fuzis* ed. 43 de 2011.

³Declaração do Comandante-Geral dos Fuzileiros Navais da Namíbia à época, Capitão-de-Fragata Ndaitwa Appolosa Haimbala, em entrevista para a revista *Âncoras e Fuzis* ed. 40 de 2010. Adicionalmente, ressalta-se que, mesmo havendo um Comandante-geral, não existia ainda o Corpo de Fuzileiros Navais; vindo a ser criado somente em 2016.

Figura 5: Exercício de marcha no deserto



Fonte: Arquivo GAT-FN (2022).

Até o presente ano, os militares brasileiros contribuíram para a formação de 673 soldados, 335 cabos e 15 sargentos Fuzileiros Navais somente na NTS, demonstrando a capacidade de formar conforme necessidade, um dos objetivos traçados desde 2010. Além disso, a manutenção de Pelotões destacados em três regiões diferentes do País (Gobabis, Luderitz e Impalila, distantes, respectivamente, 212, 684 e 1348 km da capital Windhoek) demonstra que os Fuzileiros Navais namibianos assimilaram bem o espírito da capacidade expedicionária, herdada do CFN brasileiro, muito por conta da atuação dos GAT-FN que passaram pela Namíbia.

Durante todo esse tempo, algumas adaptações foram necessárias para que o assessoramento fosse prestado de forma adequada, dentre elas o estudo de algumas outras influências doutrinárias que ajudaram a formar o CFN namibiano. Como exemplos, podem ser citados:

- A composição do BtlInfFuzNavNam (duas Companhias de Fuzileiros Navais, uma Companhia de Apoio de Fogo, uma Companhia de Operações Especiais e uma Companhia de Comando e Serviço) exigindo uma reformulação do planejamento para emprego dessas Subunidades;
- A Companhia de Apoio de Fogo emprega somente um pelotão de morteiro calibre 82 mm, que utiliza método de posicionamento, aparelho de pontaria e composição diferentes da Companhia análoga no Brasil, e um Pelotão de Metralhadora Pesada (este último corres-

ponde ao encontrado no Brasil). Não havendo Pelotão Anticarro;

- Os apoios de Artilharia e Engenharia são prestados pelo Exército namibiano, o que exige uma interação maior com esta outra Força; e
- A atividade do Grupo de Presa (GP) é de responsabilidade do Fuzileiros Navais namibianos, exigindo dos integrantes dos GAT-FN *expertise* suficiente para alcançarem assertividade no assessoramento.

Figura 6: Componente do GAT-FN assessorando namibianos durante exercício de Combate em Área Urbana



Fonte: Arquivo GAT-FN (2023).

Atualmente, algumas hipóteses de emprego têm rondado o CFN namibiano, principalmente impulsionadas pelas recentes turbulências e transformações políticas as quais o continente africano vem sofrendo durante as duas últimas décadas. Tais possibilidades geram uma demanda diária de adestramentos, adaptações e conhecimentos consideráveis quando comparadas aos anos anteriores, tornando-se um desafio ainda maior para os integrantes dos GAT-FN futuros.

Conclusão

Conforme explicitado neste artigo, a Marinha do Brasil tem desempenhado papel relevante no desenvolvimento da Marinha da Namíbia, con-

“Atualmente, algumas hipóteses de emprego têm rondado o CFN namibiano, principalmente impulsionadas pelas recentes turbulências e transformações políticas as quais o continente africano vem sofrendo durante as duas últimas décadas.”

tribuinando sobremaneira para o apoio à política externa brasileira em atuação no nosso Entorno Estratégico por meio não só do estreitamento de laços com as nações amigas, mas também fortalecendo a participação desta Marinha Amiga na Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul.

Neste contexto, o emprego dos GAT-FN foram, e ainda são, de vital importância para o ainda recente CFN namibiano, que se vê envolvido em desafios para seu crescimento e estabelecimento como Força pronta.



Referências

ARAÚJO, Alexander Soares de. O trabalho de assessoramento técnico do GAT-FN junto ao Corpo de Fuzileiros Navais da Namíbia. **Revista Âncoras e Fuzis**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 34-38, 2011.

BRASIL. Decreto nº 2.817, de 23 de outubro de 1998. Promulga o Acordo de Cooperação Técnica, celebrado entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Namíbia, em Brasília, em 7 de março de 1995. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 135, n. 204-E, p. 2-3, 26 out. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2817.htm. Acesso em: 16 abr. 2024.

BRASIL. Decreto nº 4.778, de 11 de julho de 2003. Promulga o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Namíbia sobre Cooperação Naval, de 3 de dezembro de 2001. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n. 133, p. 2-3, 14 jul. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4778.htm. Acesso em: 16 abr. 2024.

ENTREVISTA: Comandante Haimbala. **Revista Âncoras e Fuzis**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 42-43, 2010.

PENHA, Eli Alves. A fronteira oriental brasileira e os desafios da segurança regional no Atlântico Sul. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v.18 n. 1. Rio de Janeiro, RJ, jan./jun. 2012.

RIZZI, Kamilla Raquel; COSSUL, Naiane Inez; BUENO, Patrick. Cooperação técnico-militar do Brasil com a Namíbia: aspectos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 15, p. 150-170, jan./jun 2023.

SANDNER, Philipp; SILVA, Guilherme Correia da. A Namíbia comemora 25 anos de independência. **Deutsche Welle**, Bonn, 20 mar. 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/swapo-permanece-no-poder-25-anos-depois-da-independ%C3%Aancia-da-nam%C3%ADbia/a-18329043>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SILVA, Igor Castellano da. Política externa regional da namíbia: a agência de uma potência secundária. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 1, p.189-222, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/2448-3923.60239> Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbea/article/view/60239>. Acesso em: 7 maio 2024.

